

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 15 de novembro de 1985

Pg.: 975

## Funai

190  
Sr.: Trabalho como secretária-executiva na área política, e uma das minhas atribuições obriga-me a ler, diariamente, quase todos os jornais do País. Venho acompanhando, por isso, e também por outros interesses (sou estudante de História e pretendo, no futuro, elaborar uma dissertação sobre o conceito de Nação), o noticiário sobre a Funai. Algumas informações veiculadas por esse jornal nos dias 8/11 e 10/11, em matérias assinadas por José Maria Mayrink, pareceram-me de tal forma ambíguas que resolvi escrever a esse conceituado veículo de comunicação.

Ao que me parece, o atual presidente da Funai é o genuíno autor do Projeto de Descentralização que, na matéria do dia 10/11, recebeu a aprovação de todos. Entretanto, no dia 8/11, Marcos Terena, entrevistado por José Maria Mayrink, agourou vida curta à gestão deste mais novo presidente. No dia 10/11 voltou à carga, com lições sobre o comportamento indígena. As minhas questões são as seguintes: Marcos Terena foi, durante duas gestões, chefe de Gabinete da Funai. Durante este período, o que foi feito pelos índios? O que ele, ocupando tão alto cargo, realizou? Quais foram os seus planos e as suas medidas concretas para melhorar a atuação daquela Fundação? Como índio e como privilegiado (já que, como o repórter informou, fala várias línguas e viaja para o Exterior), qual foi a sua atuação? Quantas terras ajudou a demarcar? Como atuou no que se refere a problemas como Educação e Saúde?

Estas questões são importantes porque, ao que me parece, o fato de um indivíduo ser índio não o torna magicamente impune a críticas como parece fazer crer parte da imprensa. As contradições são notáveis: ao assumir Alvaro Villas Boas, Marcos Terena criticou-o; ao ser demitido, elogiou-o. No seu cargo atual, de assessor cultural, sente-se à vontade para fazer críticas ao órgão no qual fez parte da cúpula. A imprensa, entretanto, ignora este fato, talvez porque ele seja "índio". Mas é índio um indivíduo que nunca viveu numa aldeia? Que desconhece a área rural? Seu currículo, ao que tudo indica, está mais próximo de um tecnocrata (é este é um direito que lhe assiste) do que de um indigenista. Os verdadeiros indigenistas passaram a maior parte de suas vidas fora das cidades (e este parece ser o caso do atual presidente, que até nasceu numa aldeia, conforme o jornalista informou), tendo em seus currículos, portanto, experiências que permitem opiniões muito mais fide-

dignas do que as de um indivíduo que não conhece sequer a Amazônia, sequer os grupos aldeados, mas apenas, como o repórter apontou, os "índios profissionais".

Ao que parece, há índios e índios. As tentativas de se fazer alguma coisa em prol do verdadeiro estão sendo sistematicamente obstaculizadas pelos outros, os "meio índios", que nessa confusão, lucram com a obtenção de cargos e aspirações políticas.

Acredito que se a imprensa prestasse um pouco mais de atenção a esses fatos, evitando criar novos "heróis", teríamos um balanço mais honesto da política indigenista.

Conforme mencionei, pretendo fazer um trabalho sobre o conceito de Nação, e tenho verificado que não há nada entre os grupos indígenas brasileiros que possa merecer esse conceito. Vejo, portanto, órgãos como "União das Nações Indígenas" emergirem como tristes arremedos de criações nossas, conseqüentemente, ilegítimos para representar essas populações. Não conheço um índio de aldeia, mas o bom senso me faz crer que os expoentes das páginas de jornais estão se "profissionalizando" cada vez mais. E o que é pior: em falar mal dos outros, uma vez comodamente instalados em apartamentos (mesmo com a cômica justificativa dada por Terena em tom de escusa, "só para dormir") e em seus cargos bem remunerados. Não são questionados pela imprensa porque a sua "origem étnica" os coloca acima do mal — ilusão rousseauiana? — mesmo que tenham sido chefes de gabinete. **Rejane Carvalho Oliveira Lins, Capital.**

N. da R. — O repórter José Maria Mayrink responde: a impressão de ambigüidade que tem a leitora não se deve às informações da reportagem, mas às declarações de uma das pessoas entrevistadas, o índio Marcos Terena, que ela critica, discordando de seu comportamento e de suas opiniões.